

## LEITURAS GEOGRÁFICAS DE UMA VIAGEM A MAPUTO

*GEOGRAPHICAL READINGS OF A TRIP TO MAPUTO*

### RESUMO

Retomando o velho modelo de “relatos de viagem” que, durante décadas, dominou as publicações sob a consigna de Geografia, o artigo a seguir procura, ao mesmo tempo que evidencia alguns aspectos da geografia de Moçambique e coloca em discussão dilemas mais ou menos evidentes naquele país, transformar a experiência em um conjunto de reflexões de caráter teórico e metodológico, enquanto ferramental necessário do desenvolvimento da própria ciência.

**Palavras-chave:** Moçambique, Geografia, Escala, Urbe.

### ABSTRACT

Returning to the old model of “travel stories” that for decades dominated the publications under the slogan of Geography, the following article seeks, while highlighting some aspects of the geography of Mozambique and raises more or less evident dilemmas for discussion in that country, transform the experience into a set of reflections of a theoretical and methodological character as a necessary, tool for the development of science itself.

**Keywords:** Mozambique, Geography, Scale, Urbe.

 Douglas Santos <sup>a</sup>

<sup>a</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil

**DOI:** 10.12957/geouerj.2020.53713

**Correspondência:** douglassangeog@gmail.com

**Recebido em:** 18 set 2019

**Revisado em:** 14 fev 2020

**Aceito em:** 29 mai 2020



## INTRODUÇÃO

Viajo a Maputo desde 2004 e, sem dúvida, considerando que já estamos em 2020, guardo na memória muitas histórias que poderiam ser contadas. No geral, o que nos chama atenção em qualquer lugar do mundo é a tragédia, a miséria explícita, o comportamento que consideramos demasiadamente imoral ou, simplesmente, inócuo. Então contamos histórias realçando o quão difícil é compreenderem as mediações que, no nosso entender, poderiam permitir uma mudança qualitativamente importante nas relações interpessoais ou, mesmo, na direção política geral de um país.

Nesse contexto, ainda, vamos deixando de lado os amigos e suas disponibilidades quase infinitas, a alegria deste ou aquele aluno em descobrir conosco uma nova ideia, uma nova postura, uma possibilidade que vai além do pragmatismo tosco que eles mesmo denunciam, e que se faz presente na cotidianidade de muitos deles. De uma maneira ou de outra, assim poderiam ser escritos minhas crônicas de viagem seja no Brasil ou em Moçambique ou em alguns outros países que conheci, as quais, como tantos outros projetos, ainda não saíram da lista das intenções.

Dadas as explicações de praxe, vamos ao relato.

Depois de 15 dias em Maputo, no dia 01 de julho de 2019, cheguei em casa. Feliz pelo fato de ter compartilhado com meus alunos um dos melhores cursos que participei nos nossos 15 anos de convivência. Vinte alunos com quase cinquenta por cento de falantes, perguntadores, comentadores e tudo o mais que faz com que um curso valha a pena de ser vivido.

Logo no primeiro domingo, conversava eu com Camilo Usseme, psicólogo e professor na Universidade Pedagógica de Moçambique, sobre o trabalho que ele havia tentado desenvolver na cidade da Beira, após a passagem do ciclone Idai. Duas de suas observações me chamaram atenção: a perplexidade coletiva provocada pela destruição em massa das casas, da infraestrutura, dos meios básicos de sobrevivência e de como tal perplexidade se transforma em inanição de muitos, na impossibilidade de reagir, defender-se, construir caminhos outros que não sejam aqueles da quase pura autocontemplação da miséria.

Camilo me contou o caso de um homem que não fazia mais que rodar uma pequena porca em um parafuso, para frente e para trás, sentado em uma das cadeiras da escola onde estavam abrigados muitos dos que perderam suas casas. Mais ou menos escondido ao fundo do grupo para o qual Camilo fazia suas ponderações, o homem e seu parafuso estavam marcados por um silêncio intransponível e um olhar que parecia enxergar o infinito, sem se dar conta do que estava próximo. Provocado por Camilo o homem conseguiu se revoltar, despejar sua indignação por se reconhecer como alguém tão musculoso e acostumado ao trabalho duro e, que naquele momento se via impotente, afirmando que até aquelas horas do dia não havia



“matabichado” (nome dado ao desjejum) e cujos filhos pequenos nem mesmo sabia onde estavam. Sua revolta, cercada de algum tipo de auto piedade, se observava num discurso sobre a impotência diante do fato de o ciclone haver provocado algo para além das forças de qualquer um deles nas suas individualidades.

Conversamos muito sobre o homem, seu parafuso e a maneira pela qual foi possível tirá-lo da letargia em que havia mergulhado. As histórias, com diferenças apenas nos detalhes, nos levaram a lembrar o grupo de trabalhadores de uma fazenda de criação de crocodilos, que foram chamados para uma operação, cujo objetivo era impedir que as enchentes liberassem os milhares de animais, o que iria ampliar exponencialmente a tragédia. Vale lembrar que, após horas e horas de trabalho insano, um daqueles homens tentou voltar para uma casa que descobriu já não existir, e para sua família que, igualmente, havia desaparecido com o ciclone. Cá estão as tragédias como ponto de partida desses relatos.

Como se pode imaginar a presença de ciclones também foi assunto para as aulas que se iniciaram na segunda-feira. Um exemplo interessante, se desenrolou na tentativa de se fazer uma rápida leitura de duas imagens associadas ao ciclone Idai. Na primeira se enxergava o funil de nuvens típico de um ciclone e na segunda um pequeno pedaço da cidade da Beira, coberta por água e lixo, além de casas destruídas e algumas poucas pessoas.

Colocando a imagem em debate a surpresa vem de um aluno residente naquela cidade. Chamando a atenção para a presença de alguns pneus que flutuavam nas águas sujas, ele nos informa que ser proprietário de pneus usados e colocá-los empilhados à frente de casa é um aviso macabro aos ladrões. Os pneus informam que o proprietário está disposto a, se conseguir pegar o ladrão, colocá-lo por entre os pneumáticos e atear fogo, num verdadeiro ritual geralmente acompanhado por uma multidão. Ainda, segundo o mesmo aluno, ao que parece, a prática de colocar pneus à frente das casas reduziu significativamente o número de assaltos.

Fazendo um comentário em voz baixa, uma aluna pondera sobre a cena de terror que envolve o derretimento dos pneus em contato com a pele de uma pessoa, e que o mais chocante é que os adultos permitem que as crianças acompanhem o espetáculo e, quando a polícia chega, são elas as únicas a serem levadas para depor. Em uma associação livre e imediata, me veio à memória o jornalista Tim Lopes, morto em uma favela carioca com os mesmos procedimentos e o fato mais que conhecido de que no Brasil tal mecanismo de execução é de uso relativamente comum.

Voltando ao ciclone Idai e minha conversa com Camilo, o encadear livre das falas também nos levou a imaginar o significado que uma catástrofe como aquela teria na relação entre as pessoas, inclusive no fato de não terem como língua materna o português e, portanto, no momento mesmo de expressar a dor, por vezes terem de fazê-lo utilizando uma língua cujo vocabulário, sintaxe, função social não dá conta da perplexidade que, nessa condição, um moçambicano jamais poderá expressar.

De alguma maneira o fato é que, tal como no Brasil, o crescimento das cidades não é acompanhado do amadurecimento de relações urbanas. Como já afirmou Ruy Moreira, é a cidade sem a urbe. Movidos pela miséria, pelo controle das terras de trabalho, pela violência das guerras (mais ou menos oficiais), a busca pelas cidades parece ser o formato mais comum dos processos migratórios, dando à cidade recém conquistada o formato de um aglomerado humano sem qualquer tipo de infraestrutura e populações sem hábitos urbanos, ou, no limite, terão de se adaptar ao urbano que toma o formato de um continente como a Europa ou de um país como os EUA, onde o confronto cultural é o estopim para o desenvolvimento de grupos proto fascistas cuja característica mais evidente é a xenofobia.

O certo é que a miséria, em todos os seus aspectos, é um dos motores que impulsiona o deslocamento de milhões de pessoas em todas as direções e, no caso Moçambicano, a fonte inesgotável de riqueza que mantém abertas as igrejas (as mais importantes possuem suas sedes no Brasil) e o poder das atuais elites políticas e econômicas, agora proprietárias do milagre do pertencimento em meio ao processo do abandono ou ruptura das *geografias originárias*.

Tais temas também se fizeram presentes no curso. Discutindo a multiplicidade de projetos de doutorado vale aqui realçar que parcela considerável deles tinham como mote central a noção de risco. Alguns diretamente associados à auto defesa das populações costeiras em relação aos ciclones que parecem estar cada vez mais presentes, outros se debruçando sobre a aparentemente injustificável “teimosia” de milhares de pessoas que, em diferentes cidades e províncias, insistem em morar em lugares onde o risco de movimentação do solo é mais que evidente, um dos projetos colocou em evidência o dilema da chamada “segurança alimentar”, outro queria compreender o que aconteceu com os militares que parecem ter perdido seu patriotismo, um se mostrou preocupado com o turismo e os monumentos existentes em Maputo, enquanto outra está tentando desvendar o papel geopolítico de uma bacia hidrográfica que Moçambique compartilha com a África do Sul e, por fim, os demais giravam em torno de questões associadas ao ensino nas escolas de formação básica.

O número de pesquisadores preocupados com o risco me chamou especial atenção. Parcela considerável daqueles doutorandos se perguntavam, um tanto quanto perplexos e sem qualquer resposta mais imediata, ou uma tese para utilizarem como ponto de partida, qual seria o papel do conhecimento científico na definição de alguns comportamentos cotidianos considerados como básicos (como, por exemplo, evitar a exposição ao risco) e a acelerada transformação que estava sofrendo a vida na aldeias e nas periferias das cidades com a presença, em um primeiro plano, de interferências diretas no processo produtivo, redefinindo o significado social da produção da comida e dos meios básicos de sobrevivência, interferindo na maneira com que tradições milenares haviam definido o trabalho na machamba (terra de cultivo, roça).

Num segundo plano, a presença da escola criando hibridismos culturais, cujo ponto de partida está no processo mesmo de alfabetização e as formas pelas quais essas novas gerações entendem seu pertencimento ao mundo coletivista e agrícola das aldeias. Assim, processos migratórios estimulados pelas guerras, pela escolarização, pela presença de alimentos industrializados (chegou-se a afirmar que um frango congelado produzido no Brasil, vendido originalmente para a Arábia Saudita, chegava em Moçambique mais barato que o frango criado na aldeia) e pelos assalariamentos sazonais, vão rompendo laços de solidariedade, criando movimentos em busca de novas formas de sobrevivência, destruindo, enfim, as Geografias originárias e realocando o significado de trabalho e sobrevivência, por vezes em meio a relações materiais antes desconhecidas de muitos e que, agora, exigem comportamentos ainda não apreendidos.

Em meio aos debates sobre a existência ou não de uma ou mais perguntas que estruturassem a construção de uma tese, foi interessante notar a importância do fato de que, parcela considerável das principais bacias hidrográficas de Moçambique tem seu caudal controlado em países vizinhos (que fecham ou abrem comportas dependendo dos interesses locais) ou resultam da afluência de chuvas mais ou menos fortes cujo controle, obviamente, não se associa diretamente às populações ribeirinhas. Tal condição, resulta na presença de enchentes e secas completamente fora do controle. Assim, viver nas encostas, sem que se possua técnicas de construção muito sofisticadas e caras que possam resistir aos deslocamentos de solo mais ou menos previsíveis é o que podemos chamar de “tragédia anunciada” que vive e se reproduz na mediação entre os diferentes controles das terras de trabalho e moradia e as elites associadas e produzidas nessa relação, as variações na fertilidade do solo, os dilemas da introdução das relações capitalistas no campo e o formato que tudo isso imprime aos movimentos populacionais das parcelas que, em diferentes velocidades, vão sendo marginalizadas e, de uma maneira ou de outra, se põem sempre em movimento. O risco assumido, de alguma maneira, é o formato da provisoriedade das maneiras pelas quais se produz a sobrevivência.

Um segundo dilema, de alguma maneira, vai percorrendo cada um dos pré-projetos de pesquisa: a contradição entre as identidades étnicas e a formação dos Estados Nacionais, fenômeno ao que parece, está nas raízes mais profundas do que chamarei aqui de formação econômico-social africana<sup>1</sup>.

Vale lembrar que, a formação da Organização da Unidade Africana (OUA) com sede em Adis Abeba, teve como um dos seus pressupostos fundacionais a necessidade de garantir a permanência das fronteiras deixadas

---

1 Não sem assumir riscos conceituais muito graves pois, mesmo tendo claro a diversidade de povos que constituem o continente africano, considera-se que o processo colonial europeu, iniciado no último quartel do século XIX, impôs como unidade justamente a relação desse diverso como o elemento fundante de uma unidade que nenhum dos impérios anteriores haviam conseguido, sendo que, com o fim do colonialismo a herança deixada terá, sempre, três fundamentos básicos: a gestão da política na forma de Estado Nacional, a gestão da economia num tenso diálogo com o imperialismo capitalista e a manifestação da cultura no limiar da resistência e/ou subserviência ao que restou do processo colonial, e que agora se reproduz no seu formato ampliado na tentativa, por vezes inócua, de se conquistar a democracia burguesa como modelo de relações, a fábrica como processo produtivo e a cidade como o lócus desse tipo de processo civilizatório.

pelo colonialismo europeu o que, principalmente após a formação do Sudão do Sul, parece também ter se transformado em uma dúvida de dimensão continental.

De toda maneira, voltemos a Moçambique e aos pré-projetos com preocupações associadas à geopolítica (entendida no seu sentido mais básico, isto é, a política como ação de Estado e geopolítica como relação entre Estados), ao patriotismo, à memória nacional e aos dilemas sociais mais pungentes, tais como a fome enquanto fenômeno urbano ou a vulnerabilidade estrutural frente aos ciclones.

O que já foi dito em relação à formação dos Estados Nacionais na África pode servir de base para se compreender a presença de tais temas. Talvez um dos reclamos mais evidentes do processo seja o apelo constante à construção da moçambicanidade. Não é preciso conviver muito dentro do país para se identificar as fissuras que, dia após dia, mostram a fragilidade de qualquer pactuação política mais perene.

O fato é que nem ao menos importa a viabilidade ou eficácia de uma ou outra proposta de gestão, considerando que, independentemente de seus conteúdos, elas sempre serão tornadas públicas por um membro do governo ou de suas diferentes oposições e essas figuras estarão sempre associadas a uma etnia. As identidades partidárias ou programáticas só fazem sentido para o discurso genérico interno e para o olhar estrangeiro.

Pertencer à FRELIMO, RENAMO, UDEMO<sup>2</sup> ou suas variantes é, de fato, uma identidade genérica do pertencimento de cada um a uma tribo, a um clã, a uma nação e a tal da moçambicanidade seria, a princípio, o esforço conjunto de “empastelar” as identidades para se criar uma que dialogue com a existência do Estado. Não é à toa que a escola, enquanto instituição pública, tornou-se a ferramenta mais importante na construção de tal identidade, com o paulatino, mas inexorável, movimento de substituição da fala urbana em que as crianças vão abandonando as línguas tradicionais e assumindo o português como fala dominante.

Até onde consegui perceber, para além das línguas, o discurso geográfico praticado nas escolas simplesmente deixa de lado qualquer tipo de cartografia que possa identificar os chamados “grupos etnolinguísticos” considerando, inclusive que, tendo a constituição moçambicana reconhecido a existência de um único povo, a referência à diferencialidade é de senso comum, mas não pode ser tema escolar<sup>3</sup>.

Assim, tal como chegamos a discutir no curso, enquanto se tinha um inimigo comum (a ideia de português, em suas diferentes variantes, como, por exemplo, a identificação do “branco” como inimigo

---

2 Na mesma ordem: Frente de Libertação de Moçambique, Resistência Nacional Moçambicana e União Democrática Moçambicana. Como se vê, os principais partidos incorporam o nome do Estado, mas nenhum deles está suficientemente distribuído para que se possa afirmar que representa o que se convencionou como sendo o “povo moçambicano”.

3 É interessante notar que nenhum dos projetos associados ao ensino da Geografia tinha a noção de identidade e pertencimento como tema ou mesmo como uma possibilidade de discussão.

genérico) um certo tipo de patriotismo se materializa com certa facilidade, mas o fim do processo de independência retoma os dilemas identitários (manipulados, a princípio, pelos discursos associados à guerra fria) e, assim, o moçambicano é uma realidade que só se compreende no duplo e tenso diálogo entre a presença do Estado (expressão política da ruptura com as geografias originárias) e os identificadores étnicos tradicionais. Nos dias de hoje a presença de homens armados na região da Gorongosa e as tensões em Cabo Delgado são a expressão pública de uma tensão de está muito longe de ser superada.

Vale lembrar, em meio a tudo isso, que os processos migratórios se realizam de muitas maneiras. Prestamos mais atenção quando pessoas se deslocam para outras cidades ou países e deixamos um pouco de lado quando o que muda de fato é a maneira, pela qual, as pessoas mudam seus cotidianos, obrigadas ou impulsionadas pela presença de novas tecnologias, pelo desaparecimento de ruas ou edificações, pelas presença de novas formas de transporte, consumo, sociabilidade, trabalho etc.

O que sempre está em jogo, portanto, são as tais das geografias originárias e seus “planos de clivagem”. Dessa maneira, considerando a velocidade com que o desenvolvimento das forças produtivas tem se processado, parte considerável da humanidade se transformou em migrantes sem abandonar suas coordenadas geométricas, mas vivendo constantes transformações em períodos relativamente curtos.

Nessa minha última viagem usei poucas vezes o celular para tirar fotografias. A primeira delas, que reproduzo junto a esse artigo, nos mostra o edifício que aparenta ter sido construído com o que entendemos ser a mais recente tecnologia disponível e que se encontra bem à frente de um outro, destruído por um incêndio ocorrido há mais de quinze anos e sobre o qual não parece haver quem ou o que fazer. Os destroços de um nos fazem lembrar que a beleza do outro se encontra, de fato, na cidade de Maputo.

**Figura 1.** Os destroços de um edifício frente a beleza de outro. Autor: Douglas Santos (2019).





Uma segunda foto foi tirada em Katembe tendo Maputo como alvo. Vista de longe nos deparamos com o inesperado, isto é, uma cidade rica, construída com grandiosos edifícios, à beira de uma majestosa baía. Katembe, agora ligada a Maputo por uma ponte majestosa construída com dinheiro chinês, e cuja travessia cobra um pedágio um tanto quanto acima da capacidade média do consumidor moçambicano, está nesse momento se tornando o novo alvo de muitos dos desejos do governo. As duas fotos nos ensinam a importância das escalas para qualquer um que queira entender minimamente a Geografia de qualquer lugar.

**Figura 2:** Foto retirada desde Katembe tendo Maputo como alvo Autor: Douglas Santos (2019).



Por fim, agora sem fotos, me chamou a atenção a maneira pela qual se propagou o comércio pelas calçadas da “cidade baixa”, no entorno da avenida “Guerras Populares”, onde, em meio à poeira, fardos e mais fardos de roupas doadas por europeus e vendidas pelos mascates, há uma multidão aparentemente caótica de compradores, mas que, ao que parece, trata-se de um mercado que funciona muito bem.

É nesse ponto que as dinâmicas entre Moçambique e Brasil e tantos outros povos e países definitivamente se aproximam: o abandono das geografias originárias nos transforma a todos em “deslocados” onde quer que estejamos. É nesse ponto, portanto, que poderemos compreender, no caso do





Brasil os movimentos indígenas, os dilemas dos quilombos, o significado das favelas, o sufocamento ecológico do cerrado e do pantanal e assim por diante.

De uma maneira ou de outra, muitos resistem assustados com a dinâmica que nos carrega a todos para muito longe de nossas raízes, uma resistência que dará sentido a ideários de direita e de esquerda, mas que, até o momento, independentemente disso, é o retrato geralmente trágico do que se chama Imperialismo Capitalista.